

COMMERCIO DO MINHO

5.º ANNO 1877

FOLHA COMMERCIAL RELIGIOSA E NOTICIOSA

NUMERO 594

Assigna-se e vende-se no escriptorio do EDITOR E PROPRIETARIO José Maria Dias da Costa, rua Nova n.º 3 E, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia franca de porte.—As assignaturas são pagas adiantadas; assim como as correspondencias de interesse particular. Folha avulso 10 rs.

PUBLICA-SE
AS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

PREÇOS: Braga, anno 1\$600 rs.—Semestre 850 rs.—Provincias, anno 2\$000 rs e sendo duas 3\$600 rs.—Semestre 1\$050 rs.—Brazil, anno 3\$600 rs.—Semestre 1\$900 rs. moeda forte, ou 8\$000 reis e 4\$500 reis moeda fraca.—Anuncios por linha 20 rs., repetição 10 rs. Para os assignantes 20 % d'abatimento.

BRAGA—TERÇA-FEIRA 23 DE JANEIRO

A proposta do sr. ministro da fazenda relativa ao Banco de Portugal.

II

Promettemos no artigo, que publicamos sobre este assumpto, demonstrar, que todo o monopolio, insinuando-se a principio por meio de promessas enganosas, deslumbra os incautos, que confiam nas suas vantagens, traz no proprio seio o germen de grandes prejuizos, e patrocina as ganancias de poucos á custa dos interesses do maior numero.

Sem recorrer ao muito, que se tem escripto sobre a materia, limitar-nos-hemos a lembrar rapidamente ao nossos leitores, como sempre nós os portuguezes tirámos proveito, quando deceparamos a cabeça do monstro, que todavia a cada passo pretende resurgir sob nova fórma.

E o que mais notavel se torna, é que homens, como o sr. Antonio de Serpa, que batalharam contra elle, se deixem seduzir pelos encantos d'esta sereia, falseando os seus antigos principios.

Quem se não recorda dos tempos ominosos do contracto do tabaco? O publico fumava, pouco mais ou menos podridão, o Estado perdia algumas centenas de contos annualmente, mas os afortunados Caixas e seus apaniguados passavam de simples mortaes á cathedra de titulares millionarios. E o monopolio do sabão, que era a bem dizer a imundicie publica, decretada oficialmente?

E a legislação anachronica ácerca dos

vinhos do Douro, engenhoso machinismo encarregado de proteger todas as fraudes e desacreditar completamente o admiravel producto d'aquella região?

Todos esses monopolios caíram com o seu cortejo de vexames e prejuizos, não deixando saudades senão aos privilegiados, os quaes todavia encheram o mundo de clamores, protestando que o seu rendoso monopolio era o sustento da sociedade.

Pela proposta do sr. ministro da fazenda defronta-se comnosco novamente o monopolio em lucta com os interesses legitimos do maior numero.

Não se tracta já, como nos casos acima apontados, do monopolio agonizante, defendendo-se dos golpes, que lhe vibram os poderes publicos, mas pelo contrario são estes, que o trazem bafejado o sob sua protecção com o fim de lhe desprenderem mais os braços, de o estenderem a todo o paiz.

O Banco de Portugal com o exclusivo das notas limitado ao districto de Lisboa, como até agora tem tido, era apenas o monopolio meio envergonhado, e como que receioso de attentar contra a forte iniciativa bancaria do Porto e do norte do paiz. Mas pela proposta do sr. Serpa, o monopolio, aproveitando a confusão, que reina nos espiritos impressionados pela ultima crise, alastra-se com a semceremonia de uma inundação, a pretexto de ser remedio, ou antes verdadeiro elixir, contra novas tormentas commerciaes. Notaremos contudo, que na opinião de muitos economistas são exactamente os bancos privilegiados, que na maior parte dos casos aggravam a situação critica das praças.

Diz o sr. ministro, para justificar o

exclusivo, que na passada crise todos os bancos mais ou menos se voltaram para o de Portugal, como para o unico salvador possivel, e que se este estabelecimento n'essa occasião gosasse já dos privilegios propostos, poderia prestar mais valiosos auxilios, attenuando assim os effeitos da desconfiança.

Responderemos a s. ex.ª simplesmente, que preferimos confiar nos esforços de todos, a sujeitar-nos á dependencia do *supremo dispensador do credito*, como ingenuamente o sr. ministro chama ao seu Banco predilecto. Sabemos que é excellente terem os miseraveis nas occasiões de aperto, um alto e poderoso senhor, que lhes estenda a mão generosa; mas muito melhor será viver a gente em terra, onde a riqueza distribuida com mais equidade possa por meio de esforços collectivos auxiliar aquelles, que o bom senso publico julgar dignos de protecção. E não devemos esquecer, que se os bancos do norte pediram d'esta vez auxilio ao de Portugal foi, porque a crise, originada no nosso entender pelo jogo de funtos hespanhoes e pela criação tumultuaria de muitos estabelecimentos bancarios, accentuou-se mais implacavelmente no norte do paiz, do que na praça de Lisboa.

Se pelo contrario a crise tivesse o seu foco principal n'essa cidade, seria muito natural, que se invertessem os papeis, e o dadiovo se tornasse em pedinte.

E se querem que o exclusivo das notas seja, por assim dizer, o premio dos serviços prestados durante a crise, deveria então ser concedido, não ao Banco de Portugal, mas ao proprio governo, porque foi elle, que, auxiliado pelas boas disposições do mercado de Londres, ponde

prestar valiosos serviços, já directamente fornecendo dinheiro a alguns bancos, já indirectamente a todos, pela rapida importação de moeda, que soube conseguir. Por isso e pelo decreto da moratoria bem mereceu do paiz, e nós imparcialmente o confessamos.

Entregue o monopolio da emissão de notas na mão do Estado, e pelo sistema, que indicaremos, converter-se-ia em lucro para todos os portuguezes, favorecendo-se igualmente os estabelecimentos bancarios sem excepções que sempre são odiosas.

Antes porém de mostrarmos, qual seja o sistema da emissão, que mais convenha nas circumstancias actuaes, analisaremos a preconizada vantagem do desconto a 5 por cento promettido na proposta, e que é a visualidade, que melhor pôde illudir os incautos e superficiaes.

Mas como não podemos dispor neste n.º de espaço sufficiente, ficarão para o seguinte as explanações, que o assumpto está requerendo.

Duas palavras sobre o testamento do duque de Saldanha.

Acabamos de lêr este documento em um jornal do Porto, e n'elle o periodo, que se segue:

«Pela fórma mais solemne e inequivoca me declaro fidelissimo e amantissimo filho da mesma Igreja, havendo sempre em seu serviço, e *jámais contra ella*, para defeza da verdade, da justiça e da patria empregado a minha espada.....»

Pasmamos ao lêr as palavras, que ahi ficam transcriptas!

FOLHETIM

DR. J. M. DE MACEDO.

OS DOIS AMORES

ROMANCE BRAZILEIRO

VOLUME II

I

Henrique.

O amor é a paixão das inconsequencias e dos absurdos.

A impossibilidade de bem definil-o provém da mesma natureza d'esse sentimento: tem-se escripto milhões de volumes sobre o amor, e a intelligencia humana ainda o não retratou com todas as suas côres, porque sempre elle se mostra com uma nova nuança.

Fizeram-no parente da amizade, deram-lhe até o grau de seu irmão; mas se realmente tanto n'ella como n'elle ha sempre um pendor para o objecto que nos é grato, differem ambos em tudo que resta, tanto e tanto, que parecem mais inimigos do que deviam ser dous parentes tão chegados.

Differem muito, differem nos principios e nos resultados.

O bello titulo de amigo adquire-se á custa de uma longa provação, que dura annos: agglomeram-se obsequios sobre obsequios; é preciso que o tempo e o tracto mutuo de dous homens tenha feito conhecer a ambos sua tambem mutua dedicação, e o desinteresse e a paciencia, e até certo ponto conformidade de sentimentos e de sentimentos que sejam nobres, para que no fim de tudo isso saia o nome de—ami-

go—não da flôr dos labios, mas do amargo do coração.

O amor não é assim: ás vezes é a obra de um instante tão breve como um suspiro.

A's vezes não se estuda a nobreza dos sentimentos da pessoa a quem se vai, sempre involuntariamente, amar; e nunca se espera por nenhuma prova de dedicação e paciencia, e não se pôde esperar por alguma de desinteresse; porque o amor é terrivelmente interesseiro no seu genero.

A's vezes dous olhos pretos, dous labios de coral, e um instante para vê-los, resumem toda a historia de um grande amor.

Pois bem, ahi tendes um amor e uma amizade: o primeiro, filho do temperamento, ou da sympathia, ou do que quizerdes; o filho, em summa, de um curto momento, em que não houve nem reflexão nem vontade: a segunda, sentimento reflectido, criado pela dedicação, amamentado pela virtude, educado cuidadosamente durante muitos annos.

Ahi tendes a amizade, virgem encantadora cheia de pureza, de formozura, de graça e de casidade; e o amor, menino impertinente, audacioso, exigente, impertuno, teimoso... para dizer tudo, menino malcreado.

O que é que acontece no correr da vida de ambos?...

Acontece que o filho do momento, que devia ser o mais fraco, é o mais forte; que o menino malcreado, que devia ser menos tolerado, é de quem se soffre muito mais.

A amizade para viver precisa que a ajudem: é a alampada do templo, cuja luz se extingue se lhe falta o oleo: é necessario que a dedicação, o desinteresse, a paciencia, que já tanto se provaram, vão sempre de seu existir dando novas provas, para que a amizade subsista; para que a virgem não fuja envergonhada.

E o amor?... amae, e vêde: aquillo mesmo que destruiria para logo a mais antiga e enraivada amizade é quasi sempre um incentivo que dá mais vigor e mais fogo ao filho do momento.

Amae, e vêde: a mulher que vos plantou no coração esse sentimento, vos desafia com seus rigores; vos faz escravo de seus caprichos, com um desdem arranca lagrimas de vossos olhos, e com uma lagrima nos faz dobrar os joelhos.

Na amizade, a traição faz esquecer; no amor, a traição faz enlouquecer.

As differenças que existem entre os dous sentimentos continuam ainda, e, como devia acontecer, compensam finalmente os triunfos que sobre a amizade dão no principio ao amor.

O orgulhoso que de si mesmo tirava suas forças, que vivia de seus caprichos, de desdeus e de lagrimas, devia por força cansar mais depressa do que a virgem modesta, que caminhava cuidadosamente á sombra de mil cuidados, e guiada pela virtude e pela dedicação.

O tempo é portanto a vida da amizade, e a morte do amor.

E assim como vimos ha pouco, que aquillo mesmo que podia instantaneamente matar a amizade, era para o amor um incentivo que lhe dava mais vigor, e lhe tornava mais intenso o fogo; veremos agora, em compensação tambem, que o principio que anima a primeira é causa do resfriamento e morte do segundo.

Queremos fallar do goso, porque, embora de natureza distincta, tanto o amor como o amizade tem o seu.

Dous amigos gosam-se com a troca de seus sentimentos e de seus cuidados, gosam-se partilhando mutuamente os pezares e os prazeres um do outro, ajudando-se na prosperidade e nos trabalhos da vida; e esse goso anima o fogo do sentimento que o dá, enraiza ainda mais a amizade que o promoveu.

Agora o que acontece com o amor, per-

guntae a todos os esposos: interrogae principalmente a todas essas bellas moças, a quem se jurou paixão eterna; interrogae a essas.... um anno depois de cazadas.

Ellas vos dirão o que desde muito tempo já foi dito: «o desejo é a medida do prazer.»

Ou, o que pouco mais ou menos exprime a mesma cousa «a morte do amor está no goso.»

Mas enquanto se não gosa, flammeja um desejo immenso que accende a imaginação, e os menores encantos são perfeições angelicas, e tudo é engrandecido e divinizado no objecto que se ama: da mulher se faz um anjo.

Não ha mais nada de terrestre n'ella: houve uma metamorfose operada pela imaginação.

O desejo suspira ás vezes como um favonio que brinca com as flôres de manhã cedo; e logo depois brame como a tempestade, como o vento enraivado varrendo a floresta virgem.

Se ha um abismo, o homem lança-se dentro d'elle, se lá dentro.. se lá em baixo elle viu o rosto da mulher que ama...

Se ha um muro de bronze, o homem trabalha uma vida inteira para lançal o por terra.

E nem os annos, nem a auzencia podem fazer esquecer a mulher que se ama. Porque não houve goso.

E pôde a mulher ser caprichosa e ligeira: pôde zombar, pôde parecer inconstante, pôde desdenhar, pôdem mesmo asseverar que ella é falsa; o homem estará prezo a seus pés como um mizero escravo. Porque não houve goso.

E' com isto, é mercê d'estas considerações mil vezes já enunciadas de modo mil vezes melhor, que se explicava o amor extremoso e irresistivel de que o joven Henrique se achava possuido pela filha de Anacleto.

(Continua)

Não cuidavamos que, á beira da sepultura, na occasião em que mais cumpria soltar o *pœnitet me* sobre os actos da sua vida militar, que tantos damnos, affrontas e escandalos acarretaram sobre a Igreja em Portugal, o marechal Saldanha viesse, pelo contrario, allirmar-nos solemnemente que a sua espada se empregára sempre em serviço da mesma Igreja!...

Chama-se a isto.... Mas o respeito pelas cinzas ainda quentes de um morto veda-nos de dar a esta declaração o nome, que em verdade merecia.

Pois não sabem ali todos que a espada de Saldanha contribuiu efficazmente para enthronisar em Portugal o regimen liberal, ou por outra, o governo da maçonaria?

Pois não foi em consequencia das victorias por elle alcançadas, que n'este paiz foram abolidas as ordens religiosas, expulsos os legitimos pastores, e substituidos por intruzos, conculcadas as leis canonicas, rotas as relações dos fieis portuguezes com o Chefe visível da Igreja, menoscabados os dogmas da nossa santa fé e transtornada toda a economia da sociedade catholica?

Não chegariam até aos ouvidos do vencedor de Pernes e d'Almoster os dolorosos gemidos, com que o Pae Commum dos fieis lamentava a situação da Igreja Lusitana no consistorio secreto de 1 de agosto de 1834?

«Apenas é disivel (são palavras de S. Santidade Gregorio XVI) a vehemencia com que nos angustiamos vendo em espirito aquella Igreja chorando as suas cousas sagradas, dignas da maior veneração, e seus bens, ou adjudicados ao erario, ou vendidos publicamente; os templos celebres pela concurrencia dos fieis occupados hostilmente, ou fechados; alguns preclarissimos ministros d'ella tratados o mais injuriosamente possivel, nos expulsos, outros deportados para logares asperros; tiradas as santissimas e mui saudaveis instituições, e outras cousas d'este genero apenas criveis e ua verdade horrendas; as quaes ao mesmo tempo que ella soffre, carece até do allivio de ter um que em Nosso Nome lhe assista em tantas tribulações com seus conselhos e auctoridade, ao qual o nosso Pro-Nuncio, *havendo elle mesmo de sair d'ali por effeito da força*, tinha dado suas vezes».

Eis uma pequena parte do lastimoso quadro, esboçado pelo proprio Pontifice Romano, do estado a que se viu reduzida a Igreja Lusitana em consequencia dos serviços do marechal Saldanha!

Dirá alguém que este não esperava das suas victorias semelhantes resultados?

Mas o governo do imperador D. Pedro, ainda assediado pelas armas realistas, decretou a abolição dos dizimos e dos foraes, e a extincção da patriarchal e das ordens religiosas para um paiz em que ainda não dominava; e a espada de Saldanha encarregava-se de lhe conquistar esse paiz afim de serem ali levadas a effeito essas medidas tão justas e de tamanha utilidade para a Igreja.

Mas em 29 de julho de 1833 era o cardeal Justiniano, o representante de S. Santidade, violentamente expulso de Lisboa pelo sr. D. Pedro, e n'essa mesma conjuntura, e depois d'isso, a espada de Saldanha continuava a lidar em prol de um governo, que assim desacatava o Summo Pontifice na pessoa do seu representante.

E posteriormente a esses e a todos os outros actos de manifesta hostilidade do governo liberal contra a Igreja, quando foi que o marechal Saldanha protestou publicamente e solemnemente contra elles? quando foi que, desaprovando-os e stigmatizando-os como mereciam, declinou de si toda cumplicidade n'elles?

Pelo contrario A sua espada prestigiosa, que tantas vezes se desembainhou ali a favor de mesquinhas ambições de corrilhos, que tantas vezes provocou o exercito portuguez á rebellião e á indisciplina, nem por um só momento se aravessou no caminho, que teem trilhado todos os governos liberaes d'esta terra, para os deter na sua marcha hostil contra os direitos, contra as leis e contra a consciencia da Igreja.

Comprehendia-se bem que o marechal Saldanha, desenganado do mal inconscientemente feito á Igreja, repetisse arrependido: errei; estou arrependido.

Mas esta affirmativa solemne de que sempre em serviço da Igreja, e jáncis contra ella, arranquei a minha espada—quando um partido sempre infesto á mesma Igreja, sempre empenhado em guerreal-a,

opprimil-a e roubal-a, colloca essa espada no pantheon das suas glorias, como a que lhe assegurou o final e definitivo triunfo sobre os que defendiam o Altar—essa affirmativa solemne, repetimos, depois do que ali temos visto ha mais de 40 annos, não podia vir do fundo da consciencia, não podia ser sincera, não nos convence nem nos commove. e... causar nos ia até indignação se não se tratasse de um homem sobre cuja campa a Religião já tem gravado o misericordioso *parce sepultis!*

D. M. S.

GAZETILHA

A' «Palavra».—A «Palavra» de sabado, 20, insere varia coisa que nos diz respeito, e á questão sobre que teem verosado alguns dos nossos escriptos. Só por favor d'um amigo é que viemos a saber o contheudo da folha portuense; porque até hoje ainda não recebemos o respectivo n.º,—falta que não comprehendemos bem.

Dirige-se a «Palavra» a nós e á «Nação», e desta transcreve as seguintes linhas, a que subscrevemos inteiramente:

«Devemos uma explicação á «Palavra».

«Pede-nos no seu numero 1:330 que transcrevamos as respostas por ella dadas ao «Direito».

«Nós não publicamos todos os artigos do «Direito», publicamos apenas alguns trechos de um ou outro artigo d'aquelle nosso excellente collega.

«Tem elle sustentado muito bem a questão, nem para o fazer necessita do nosso auxilio, se necessitara não lho recusariamos, ainda que traço.

«Reproduzir os artigos da «Palavra», sem lhes responder, seria impossivel, por isso que ella não ataca só o «Direito» insulta todo o partido legitimista.

«E nós, uma vez que a questão foi encetada com o «Direito», e que este a tem tão briosamente sustentado, julgamos que não deviamos intrometer n'ella. Sem todavia nos dispensarmos de dizer ao nosso illustre collega o «Direito»: Estamos ao vosso lado, como não podiamos deixar de estar, porque são os mesmos artigos assim do nosso credo religioso, como do nosso credo politico, e cordealmente vos abraçamos pelo bem que tendes defendido uma causa, que é tanto vossa como nossa».

Finda esta transcrição, encherge-se apenas o seguinte appendiculo:

«Vá-nos dizendo no entanto se o marechal Saldanha foi ou não bom catholico».

Quanto a nós é a «Palavra» um pouco mais extensa.

Reproduz parte do nosso artigo do penultimo n.º, e entre outras coisas, com vista á «Nação» e ao «Commercio do Minho», diz-nos tambem:

«A questão é esta: O marechal Saldanha deve ou não considerar-se bom catholico? ou por outra: o marechal Saldanha prestou ou não serviços importantes á Igreja?»

Se a memoria nos é fiel, parece-nos que nunca dissemos que o duque de Saldanha não era catholico, nem pozemos em duvida que elle morresse no gremio da religião catholica. Ora que elle era o 1.º, ou o 2.º catholico de Portugal, e que com a sua espada prestára serviços importantes á Igreja, é o que contestamos. Aqui vem a proposito convidar a «Palavra» para que leia o artigo intitulado *O testamento do duque de Saldanha*, que vae n'outro logar da nossa tolha d'hoje, escripto por um dos mais notaveis escriptores catholicos do paiz. Já vê a «Palavra» que não são só os humildes articulistas a que se tem referido, os que entendem que o collega não é muito feliz na questão sujeita, que se vae prolongando esterilmente, só porque a «Palavra» assim o quer.

Referindo-se ainda a nós, escreve a «Palavra»:

«Depois vem notar um erro typografico de facil rectificação. Se o «Direito» tivesse escripto: «Não pomos os principios catholicos acima dos politicos» etc. não diriamos em seguida: «Isso é realmente muito louvavel» etc.»

Francamente, isto não é resposta ao que nós escrevemos. E se não ligassemos tão alta importancia, como realmente ligamos, ao collega, deixal-o-hiamos em santo convivio com o seu orgulho.

Tambem o collega, com aquella finis-

simia delicadeza que o caracteriza, nos vae dando uma roda de nescios.

Somos nescios, collega, somos; não podemos competir com os sabios da «Palavra»; mas fique certo que nos não zangamos com a nossa mediocridade.

Agora vamos dizer-lhe muito á puridade que, durante bons 30 annos que lidamos com tipos, conhecemos ser praxe seguida por todos os escriptores a rectificação dos erros—mórmente quando graves—que passim escapam á revisão. Sendo, porém, o erro da natureza da tal troca do pronome *nós* pelo adverbio *não*, que no caso presente inverteu totalmente o sentido do adversario; é certo que a não rectificação neste caso, pôde,—sem motivo para admirações—ser accusada de falta de lealdade.

Podia ser, e não temos repugnancia em acreditar-o, que não houvesse mais do que um lapso typografico; pôde ser que aquella conjunção *mas*, seguida de reticencias, queira visar a coisas muito agradaveis para todos: no entanto, qual será a razão que obsta á satisfação que a «Palavra» deve ainda ao «Direito» e aos seus leitores?

Será apenas o demonio do orgulho que impeça esta prova de lealdade e boa-fé?

Parece nos que a persistencia da «Palavra» nesta questão inutil, é impropria d'um jornal sério e illustrado,—qualidades que ninguem pôde negar ao collega.

Theatro.—Effectuaram-se mais as duas recitas annunciadas. O drama *Gaspar, o serralleiro*, que subiu á scena no sabado, atraiu tambem ao theatro grande concurso d'espectadores, que por certo se não arrependeram de lá irem.

O drama, quando expungido d'alguns pequenos senões, é uma composição de merito. Tem situações excellentes, está bem escripto, e o enredo é condusido habilmente.

Não permite a indole d'este jornal, nem o espaço destinado a estas apreciações, o alargar-nos muito na exposição das impressões que qualquer peça nos produz, ou da opinião que a seu respeito formemos; porisso temos de limitar-nos a uma apreciação geral.

Quanto ao desempenho deste drama pareceu-nos quasi sempre regular.

Manda a verdade que especialisemos os actores Samuel, protagonista, Abel (*Pedro de Andrade*), e Silva (*D. José de Melio*).

No intervallo do 3.º acto a joven actriz Thomasia Velloso cantou brilhantemente a walsa *Devaneios*, original do maestro Alves Rente, incontestavelmente um dos nossos mais distinctos compositores musicaes.

No domingo foi a ultima representação da *Filha do Ar*. Tanto ácerca do merito da peça como ácerca do desempenho, remettemos o leitor para o que respectivamente escrevemos em o n.º passado.

Enchente real.

Consta-nos que a companhia, que hontem partiu para o Porto, volta brevemente dar mais algumas recitas, as primeiras das quaes se effectuarão no sabbado e domingo.

Errata importante.—Em o nosso artigo de fundo do n.º passado, na col. 3.ª, linha 23, onde se lê: soffrem maiores prejuizos, deve ler-se—soffrem menores prejuizos.

Assembleias geraes.—Estão marcados os dias 24 (amanhã) para a reunião da assembleia geral dos accionistas do Banco Mercantil e o dia 25 para a do Banco Commercial.

Banco do Minho.—Reuniu-se no dia 20 a assembleia geral dos accionistas do Banco do Minho, pelas 11 horas da manhã, no novo edificio do banco afim de discutirem e approvarem o parecer do conselho fiscal, sob a presidencia do exm.º sr. dr. José Maria Rodrigues de Carvalho, occupando os logares de secretarios os snrs. João Gonçalves Pereira Bastos e João Augusto d'Oliveira Braga.

Usaram da palavra os accionistas os snrs. dr. Manuel Vieira d'Araujo, Francisco Baptista da Silva, Gregorio José Alvares da Silva, Manuel Joaquim Gomes e Domingos José Soares, e por parte da gerencia do banco, os snrs. Manuel Luiz Ferreira Braga e Manuel Simões Braga—Pelos accionistas dr. Manuel Vieira d'Araujo e Francisco Baptista da Silva, foram mandadas para a meza e admittidas á discussão as seguintes propostas:

1.ª Para que fosse eliminada do balancete mensal a verba de 7:541:878 reis, importancia de antigas letras em liquidação, e conservada em conta especial a quan-

tia de 1:850:000 reis, importancia de duas letras falsas, até que se decida a respectiva acção criminal.

2.ª Auctorisando a gerencia e o conselho fiscal a applicar a importancia do fundo de reserva, quando julgarem opportuna a occasião; a compra de titulos seguros e de facil venda.

3.ª Auctorisando o conselho fiscal a gratificar, como o entender, a gerencia e empregados do banco.

4.ª Para que se dê um voto de louvor ao conselho fiscal, presidente da assembleia e do mesmo conselho, e gerente Manuel Simões Braga, pelos relevantes serviços prestados ao banco.

5.ª Auctorisando a gerencia e o conselho fiscal para conservar ou supprimir a caixa filial, como o julgar mais conveniente aos interesses do banco.

6.ª Auctorisando a gerencia e o conselho fiscal a representarem á camara dos deputados contra a proposta de lei apresentada pelo sr. ministro da fazenda sobre a reorganisação do Banco de Portugal.

Tanto as conclusões do parecer do conselho fiscal, como as propostas acima mencionadas foram approvadas pela assembleia, e u-ando o presidente da palavra para agradecer em seu nome e no do conselho fiscal a que presidiu, o voto de louvor com que foram honrados pela assembleia, declarou encerrada a sessão.

—O conselho fiscal que foi nomeado na reunião anterior compõe-se dos snrs:

Antonio José Gonçalves Braga.
João Antonio d'Oliveira Braga.
Lourenço Soares Rodrigues.
José Luiz Vieira da Silva.

Substitutos:
Manuel Joaquim de Faria.
Antonio Moura Monteiro.
Dr. Manuel Vieira d'Araujo.

O dividendo, que é de 3 0/10, ou reis 35000 por acção, continúa a ser pago todas as segundas, quartas e sextas-feiras.

Associação Catholica.—Os alumnos da escola mantida por esta associação festejaram S. Sebastião, com as ofertas de dinheiro que os paes lhes deram para este fim. Houve *quarteto* de musica á noite pago por elles, e o director espirital dirigiu-lhes um breve discurso em que louvou e estimulou a piedade das creanças, prometendo em nome da junta directora fazer-se todos os annos uma festa escolar em honra do patrono da escola, que será S. Luiz Gonzaga, distribuindo-se n'esse dia alguns premios aos mais avantajados no estudo das primeiras letras.

O entusiasmo das creanças é facil de comprehender, bem como a satisfação dos paes.

Catechese ás creanças.—Começa no domingo proximo na igreja do Populo para continuar todos os domingos e dias festivos até á festa da SS. Trindade, em cuja occasião se fará a primeira communhão das habilitadas e o exame das premiadas.

Durante a catechese tambem se distribuem alguns premios menos valiosos que os finais ás que forem assiduas á doutrina.

E' esta uma das obras que muito honra a Associação Catholica d'esta cidade pelos fructos copiosos que d'ella provém á sociedade em geral e á familia em particular.

Tambem tem sido muito concorrida a catechese popular que todos os domingos se faz na igreja do Collegio Ursulino. Não só mulheres mas grande numero de homens enchem o templo, mostrando uma certa avidez de instrucção religiosa.

A Associação Catholica por taes obras bem merece o louvor e coadjuvação de todos os que se presam de religiosos.

Vê-se a sua utilidade porque sustenta uma escola e duas catecheses: uma para todo o povo e outra privativa para as creanças; além das praticas e conferencias instructivas dadas na propria casa da Associação.

Sabemos que a administração d'esta Associação tem em vista outras utilissimas obras que promptamente realisaria se o numero dos seus associados augmentasse mais um pouco.

Commissão do recenseamento.—Realizou-se no dia 14 a eleição da commissão recenseadora, comparecendo 28 eleitores, dos quaes 18 votaram na lista governamental e 10 na da opposição:

O resultado d'essa eleição foi o seguinte:

Presidente, dr. Jeronymo da Cunha Pimentel.
Vogaes, dr. Manoel Joaquim Corrêa

Velloso; Jacintho de Magalhães d'Araujo Queiroz; Alfredo Alves Passos; conselheiro Francisco de Campos d'Azevedo Soares; dr. José Joaquim Gomes d'Araujo Alvares; e Antonio Esteves de Amorim Barboza.

Substitutos: —Vice-presidente, dr. José Borges Pacheco Pereira de Faria.

Vogaes, Joaquim Firmino da Cunha Reis; Manoel Joaquim Gomes; José Peixoto de Magalhães; dr. José Borges Pacheco Pereira; dr. Antonio José Pimenta Gonçalves Junior; e João Antonio da Silva Pereira.

Capella de S. Victor. — Nota das quantias recebidas, bem como dos materiaes de construcção offerecidos, (com os valores aproximados) por os senhores abaixo descriptos.

Transporte	1:078\$840
Dr. Medico Gonçalves, (d'Amarenes) um pinheiro manso	4\$500
José Maria Dias d'Oliveira, (dois paus de castanho)	10\$500
Constantino Vieira de Castro, (um dito)	9\$000
Manoel Gomes da Silva Mattos, (um dito)	8\$000
Antonio d'Araujo Vasconcellos Feio, (dois ditos)	11\$000
Simão Pereira (um dito)	7\$500
D. Margarida Fortunato de Silveira, (dois ditos)	12\$500
Bernardino d'Oliveira Leite, (um dito)	8\$000
Domingos Manoel de Mello Freire Barata, (um dito)	4\$500
José Bernardo (dois ditos)	6\$000

Somma reis. 1:160\$340

A commissão encarregada da reconstrucção d'esta obra, pede a todas as pessoas que se dignarem subscrever para tão importante melhoramento publico que satisficam as quantias offerecidas quando lhes forem solicitadas pelos cobradores Domingos e Carvalho a fim de saber a quantia de que realmente póde dispor, e para poder publicar todas as verbas inferiores a 4\$500 reis até hoje recebidas, para se não dar algum engano na extracção das mesmas do respectivo livro de receita.

Na exposiçào da Philadelphia. — Apresenta-se á porta um individuo cego de um olho.

— Senhor, diz-lhe o porteiro, o preço da entrada na exposiçào é de um franco.

— Pagarei meio franco porque não tenho senão um olho.

Preciosidade. — Poz-se ha pouco em venda em Amiens uma peça muito preciosa que pertencera a M. Bertin, cura Perit-Saint-Jean-les-Amiens, recentemente fallecido.

E' uma caixa de rapé, d'escama o ouro, tendo em medalha o retrato de Luiz XVI e contendo dentro cabellos da infeliz Maria Antonietta.

Esta caixa de rapé foi adjudicada, ao preço de 1,255 francos, a M. Francisco de Bruyckere, de Amiens.

Affirma-se que é uma peça d'uma authenticidade indiscutivel.

A proclamação da imperatriz Victoria. — Varios maharadjahs da India, como o de Cachemira, o da Travamore etc. foram nomeados conselheiros da imperatriz Victoria, titulo puramente honorifico.

No dia 26 de dezembro á tarde o vice-rei, lord Lytton, offereceu ao governador de Madrasta, ao das provincias do Noroeste, de Bengala, do Pendjab, e ao commandante em chefe do exercito, bandeiras com que os presentava sua magestade a rainha.

No dia 1 de janeiro celebrou-se effectivamente a solemne cerimonia.

O lugar escolhido para a proclamação foi uma extensa planicie, a tres milhas do acampamento de Delhi.

Alli se erigiu um throno e um amphitheatro.

O throno ficava collocado debaixo de um docel branco, vermelho e oiro, encimado com uma grande corôa imperial.

Defronte do throno estava um grande simicirculo de cadeiras, para os chefes indigenas e para os officiaes superiores: por traz do throno estavam dois grupos de cadeiras, reservadas para os hospedes, que eram o Khan de Khelet, o governador geral da India portugueza, o sr. João Tavares de Almeida, as deputaçoes de Sião, de Mascate e de Napaul, e os consules estrangeiros.

As cadeiras ficavam de um lado e de

outro da entrada principal, d'onde corria um tapete vermelho até aos pés do throno.

O spectaculo era verdadeiramente magnifico, visto das cadeiras dos visitantes.

Os chefes com os seus magnificos vestuarios, apinhavam-se nos seus logares, defronte do throno, e por traz d'elles centenas de elefantes davam um aspecto maravilhosamente oriental áquella scena.

Ao meio dia entrou lord Lytton, vestido com o unif-rme de grão-mestre da Estrella da India, seguido por um brilhante estado maior.

O arauto, o gigantesco major Barnes, leu a proclamação, em inglez, depois mr. Thornton leu-a traduzida em indu.

Então seguiu-se a salva de 101 tiros, a salva imperial, depois descargas de infantaria.

Lord Lytton leu um discurso, e a assembléa dispersou-se.

No mesmo dia a imperatriz era proclamada tambem solememente em Bombaim, em Calcuttá e em Madrasta.

Favencimento pelo chumbo. — Um chimico francez enumerava assim varias causas de envenenamento pelo chumbo.

O lithargyrio serve para falsificar vinhos.

Clarifica-se a cerveja com saes de chumbo.

Faz-se pão com farinha que contém alvaiaide.

O chá é conservado em caixas forradas de chumbo.

As amendoas são coloridas de vermelho pelo zarcão, de branco com alvaiaide e de amarello com chromato de chumbo.

O chromato de chumbo serve tambem para reforçar a cor amarella da manteiga.

Os papeis metallicos, que envolvem o chocolate e varias conservas, contém chumbo.

Ha chumbo nos cartões de visita, nas omeias de cor, no arrabique, nos cosmeticos, tinturas para o cabelo e barba, pó de arroz, aguas de Colonia de qualidade inferior.

Ha chumbo na athmosfera de aposentos pintados de novo.

E a experiencia tem provado que é elle a causa de envenenamentos agudos ou chronicos.

Incendio n'um convento. — Ha dias um despacho annunciava que um incendio renterara no convento Sainte-Elisabeth, perto de Joliesse, no Canadá, e tizerá treze victimas. O «New-York Times» recebeu alguns promenores sobre esta catastrophe: Antes das nove horas, e irná superiora, tendo satisfeito a sua visita habitual a cada andar, achava tudo em ordem. Entretanto, ás nove e vinte minutos, o convento estava em fogo, e as chammas propagavam-se com uma tal rapidez que se não pode pensar em combater o flagello.

Os meninos, que estavam deitados, precipitaram-se por todas as sahidas, as irmãs ajudaram-nos a salvar. Havia alli 47 raparigas; 13, que se achavam no ultimo andar, foram queimadas vivas. A procura dos cadaveres pelos parentes, no dia seguinte do sinistro deu lugar a scenas despedaçadoras.

Ignoram-se ainda as causas d'este terrivel incendio.

Furacão nas Canarias. — Um furacão dos tropicos d'uma violencia inaudita desencadeiou-se sobre o archipelago das Canarias nos dias 10, 11 e 12 de novembro ultimo. Das sete ilhas, Gomero, Hierro, Grande-Canaria, Lanzarote, Palma e Teneriffe, que formam o grupo das Canarias, nenhuma foi poupada; desde a tromba de 1825, não ha memoria de ter havido n'esta parte do oceano Atlantico uma tempestade tão furiosa.

Em Teneriffe, as plantações de canna de assucar, de tabaco, um grande numero de palmeiras e muitas construcções foram arrasadas pelo vento do sul. Perto de Guimar, cidade de 3:600 habitantes, a quebrada de Guaza, transformada em torrente, arrastou para o mar terrenos cultivados que se contavam entre os mais ferteis da ilha. Só os castanheiros seculares do valle d'Orotava resistiram á tempestade, mas soffreram muito. Em Palma, as amendoeiras ficaram despidas. Na Grande-Canaria, principalmente nos districtos de Gula e d'Arucas, as perdas são immensas.

Sabe-se que a pro-lucção da cochonilla é uma das principaes riquezas do archipelago canariense. Este pequeno inse-

cto aiado, que fornece uma substancia tinturaria tão preciosa, vive sobre os nopals, especie de eactus, cuja haste carnosa é guarnecida de agulhões.

Sob o nome de grão escarlate, exportam-se todos os annos de Santa-Cruz a Teneriffe mais de 4 milhões de francos, sobre os quaes o governo hespanhol recebe um imposto muito importante.

Os nopals foram em parte desenraizados e despojados de suas cochonillas. E' um verdadeiro desastre para os cultivadores das principaes ilhas onde se plantava. Desde muitos annos havia uma grande quantidade de nopals nos terrenos improprios á cultura da vinha.

No mar, assignalam-se accidentes numerosos durante esta espantosa tormenta. Entre Palma e Teneriffe, houve abordagem entre dois steamers inglezes que soffreram grandes avarias.

Chuva vermelha — Acaba de se produzir um fenomeno extranho em Sain-Jaent-de-la-Mer.

D'um dia para o outro, choveu bastante. No dia seguinte de manhã, viu-se que este aguadeiro era vermelho; tinha absolutamente a cor da agua misturada com uma grande quantidade de vinho.

A primeira pessoa que fez esta descoberta pensou que isto podia provir do vaso que lhe servisse de reservatorio, no qual tivesse cahido alguma substancia da mesma cor; mas, dirigindo-se a casa dos vizinhos, pôe em breve verificar, nas familias Guilhard, Malié, Dagorne, Quéma, etc., que a agua escorria das goteiras era vermelha. Um outro individuo encheu uma garrafa d'esta agua e transportou-a a Dinan para se lhe fazer analyse.

Morte dos tres maiores ricos d'America. — Morreram os tres mais ricos americanos.

Esta trilogia compunha-se de MM. Astor, Stewart e Vanderbilt. Os dois primeiros falleceram o anno passado, o terceiro acaba de succumbir na idade de 80 annos. Deixa uma fortuna avaliada em 400 milhões de francos o que é quasi a somma legada por cada um dos dois primeiros.

Estes tres tinham, pois, chegado a ajuntar um milhar e 200 milhões de francos!

Consules portuguezes. — Segundo a nota que publicou a folha official, vemos que ha 25 consules na Allemaha, 2 na Austria, 9 na Belgica, 13 na Dinamarca, 44 na França e nas suas colonias, 103 na Inglaterra e colonias, 3 na Grecia; 63 na Hespanha e colonias, 39 na Italia, 8 na Holanda e colonias, 8 na Russia, 32 na Suecia e Noruega, 3 na Suissa, 9 na Turquia da Europa, e 9 na da Asia, 6 na China, 1 no Japão, 1 em Sião, 6 no Egipto, 1 na republica de Orange, 9 em Marrocos, 2 na republica de Africa Meridional, 1 em Zamzimbar, 1 em Tunis, 17 nos Estados-Unidos, 2 no Mexico, 1 no Haiti, 1 em S. Domingos, 2 em Honduras, 1 em Panamá, 98 no Brazil, 5 no Perú e Chili, 16 nas republicas argentinas, 1 em Vnezuela, e 1 nas ilhas Sandwich. Total 563 consules.

Lição de orthographa. — Um sargento lanzado é encarregado pelo coronel de lhe mandar uma ordenança com uma palavra de recommendação sua. O sargento vê-se em embarços, porque o estylo espitolar não é o seu forte.

Laboriosamente, com toda a paciencia, suando sangue e agua por todos os poros, o sargento quer escrever a terrivel carta de recommendação, procurando as palavras, retorcendo os bigodes e batendo na testa para encontrar uma frase elegante e correctea. Uma linha, duas linhas, até aqui tudo vae bem. De repente pára, ergue-se diante delle uma barreira *Ordenança?* escreve-se com dois NN ou será apenas com um? Passa um camarada, tão lanzado como o nosso sargento. Em quatro palavras explica-se o caso:

— Ordenança? ou ordenança?

O outro scisma um instante.

— O individuo é bom sujeito?

— Se é!

— Então chimpa-lhe dois nn.

BANCO DA COVILHÁ.

Balanço em 31 de eDezembro de 1876.

Activo

Accionistas	1:800\$000
Letras descontadas e a receber	377:573\$983

Effeitos depositados	12:000\$000
Caixa	23:678\$461
Agencias no paiz	29:531\$212
Ditas no estrangeiro	11:823\$18
Empresimos s. penhores	157:744\$665
Ditos em c. c. com caução	256:113\$182
Devedores geraes	13:329\$433
Papeis de credito	7:600\$310
Mobilia e utensilios	2:039\$114
Despezas d'installação	2:798\$752
Contas interinas	3:891\$228

900:044\$821

Passivo

Capital	750:000\$000
Fundo de reserva	2:370\$861
Devidendos a pagar	5:469\$600
Depositos á ordem	11:209\$802
Ditos a praso	90:081\$740
Letras a pagar	150\$000
Credores d'effeitos depositados	12:000\$000
Devedores e credores	1:334\$164
Ganhos e perdas	27:49\$914

900:044\$821

Covilhã 31 de dezembro de 1876.

Os Directores

I. T. Megre Ryeester.

A. Baptista A. Leitão.

BANCO DO MINHO

Dividendo do 2.º semestre de 1876.

A gerencia d'este Banco annuncia que o dividendo do 2.º semestre de 1876 approved em assembleia geral de hoje é de 3 0/10 ou 3\$000 reis por acção, e que será pago em todas as segundas, quartas e sextas-feiras desde as 10 horas da manhã até á 1 hora da tarde.

Os snrs. accionistas do Porto podem receber-o na sua Caixa Filial, e os de Lisboa e Guimarães nas respectivas agencias.

Braga 20 de Janeiro de 1877.

Pelo Banco do Minho

OS GERENTES.

Francisco Casimiro da Cruz Triveira.
Manoel Sinões Braga. (54)

BANCO DA COVILHÁ

Sociedade anonima de responsabilidade limitada.

São convidados todos os snrs. accionistas d'este Banco, a reunirem-se no dia 28 do corrente por 4 horas da tarde, no edificio onde está installado o mesmo Banco n'esta cidade, a fim de se cumprirem as disposições do § 1.º do artigo 18 dos estatutos, e para a eleição dos cargos de Presidente da assembleia geral e de dois vogaes substitutos do conselho fiscal, que falleceram.

Covilhã, 5 de janeiro de 1877.

O secretario da assembleia geral,

Francisco Rodrigues Antunes Castanhinha. (51)

ATTENÇÃO

Vende-se a grande e mimosa quinta do convento em Pombeiro, que foi do fallecido Antonio Pereira Leite Guimarães; é de natureza alludial, toda fechada pela circulação de um muro; é de grande rendimento em pão, vinho, fructas etc. aguas em grande quantidade. Fica distante da cidade de Guimarães uma legoa. Para tratar, na referida cidade, rua das Oliveiras n.º 52, com o sr. João Marinho da Cunha ou em Santo Estevão de Regados com o herdeiro José Joaquim Lobo, e procurador o sr. Manuel Pinto Durães. (53)

PRADO D'URJÃES

Quem pretender tomar d'arrendamento o prado d'Urjães, pertencente á casa de Sinde, e que consta de lavradio, vidonho, e arvoreds de fructo, póde dirigir-se n'esta cidade á rua de S. Geraldo, n.º 17. (44)

